

DOI: 10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT17.011

PARAIBE-SE: PELA VALORIZAÇÃO DO FALAR PARAIBANO NO CENÁRIO DE APAGAMENTO DA IDENTIDADE NORDESTINA

Auricélia Moreira Leite

Mestre em Letras. Professora da SEECT-PB. E-mail: celialeite.educ@gmail.com

Diego Guimarães

Doutor em Filosofia. Professor da SEECT-PB. E-mail: diegoguimafil@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta o desenvolvimento de um projeto sobre variação linguística em uma turma de 2º ano do ensino médio na ECIT Profa. Olivina Olívia Carneiro da Cunha, em João Pessoa, Paraíba. O projeto buscou gerar uma reflexão nos alunos sobre quais fatores poderiam estar descaracterizando, entre os adolescentes, o sotaque pessoense.. O principal objetivo do projeto foi proporcionar aos alunos uma compreensão de que os sotaques nordestinos, em especial o paraibano, não constituem um erro ou motivo de vergonha. A partir dessa perspectiva, buscamos desenvolver com os alunos a compreensão quanto à origem, à história e à importância dessa variação para a constituição de uma identidade linguística. Para isso, balizamos nossa atuação nas proposições de Marcos Bagno (1999) com o seu clássico Preconceito Linguístico: o que é e como se faz, além de Carvalho e Ferrarezi Jr (2018) sobre oralidade na educação básica. Os resultados apontaram para uma tomada de consciência quanto às pressões impostas às minorias linguísticas, além de uma maior identificação com a comunidade linguística a qual os discentes pertencem.

Palavras-chave: Variação Linguística, Identidade, Oralidade, Sotaque.

1. INTRODUÇÃO

Durante um programa de televisão exibido pela Rede Globo, a paraibana Juliette Freire foi alvo de xenofobia, principalmente pelo seu modo de falar. Diariamente, os nordestinos - em especial os paraibanos - são vítimas de preconceito linguístico pelos habitantes de outras regiões do país. Esses fatos mostram a falta de conhecimento sobre as múltiplas facetas da língua e despertam a necessidade de reafirmarmos a nossa identidade linguística enquanto sujeitos sociais. Para além dos casos de preconceito, há uma observação de que os adolescentes da rede estadual de ensino da Paraíba estão sendo afetados por esse tipo de preconceito e pela influência das mídias digitais, fazendo com que estes passem por um processo de apagamento do sotaque como forma de serem aceitos por outras comunidades. Por isso, as aulas pautadas na variação linguística podem ser um espaço de reflexão sobre a identidade de um povo que precisa manter e orgulhar-se das suas raízes e símbolos.

Percebe-se, no entanto, ao verificar os livros didáticos, o quanto o ensino da variação linguística, sobretudo da oralidade, tem sido negligenciado durante as aulas de língua portuguesa. Tal fato já é objeto de estudo de vários pesquisadores como Marcuschi (1986), Schneuwly, Dolz e colaboradores (2004), Gomes-Santos (2012), Carvalho e Ferrarezi Jr (2018) entre outros, que atestam a possibilidade de se privilegiar os aspectos linguísticos e extralinguísticos, partindo da oralidade, o que propicia aos alunos vivências em atividades pedagógicas que lhes sirvam de subsídios nas práticas sociais da vida cotidiana.

De forma prática, pode-se perceber que a defasagem no ensino da língua oral impacta, sobretudo, os nossos alunos de Escola Integral Técnica, pois estes, muitas vezes, possuem um bom domínio da leitura e da escrita, mas, nos momentos de entrevistas de estágios em empresas parceiras, acabam não tendo um bom desempenho na oralidade. Vale salientar que fazer uso de uma variante formal não significa o apagamento do sotaque e de toda a sua cultura e tradição. Ao contrário, manter a originalidade, a identidade e os princípios estéticos podem abrir as portas para o mercado de trabalho em qualquer área que se deseje ingressar.

A Escola Cidadã Integral Técnica Professora Olivina Olívia Carneiro da Cunha está localizada no centro de João Pessoa – PB. Atualmente, atendendo ao Ensino Médio Integral Técnico, a escola oferta os cursos de Marketing e Administração e matriculou, no ano de 2021, o total de 372 estudantes, distribuídos em 17 turmas. A idade média dos estudantes é de 16 anos, pertencentes às classes C e D, moradores de bairros periféricos da capital, com maior procedência do Bairro das Indústrias.

A partir do decreto que suspendeu as aulas presenciais devido à COVID-19, em março de 2020, a escola passou a atender de forma remota, por meio de atividades assíncronas – impressas ou na plataforma *Classroom* –, bem como de aulas virtuais síncronas ministradas via *Google Meet*. No último mês de outubro, no entanto, foi iniciado o retorno gradual às atividades presenciais. É importante mencionar que o projeto que agora descrevemos perpassou as duas modalidades de ensino, apenas remota e híbrida.

O projeto intitulado *Paraíba-se: pela valorização do falar paraibano no cenário de apagamento da identidade nordestina*, foi direcionado às seis turmas da 2ª série e originou-se principalmente da necessidade de reconectar os alunos a suas essências e raízes, despertando neles o sentimento de orgulho e de pertencimento a uma comunidade linguística. Tal necessidade partiu da percepção de que os alunos da escola ECIT Olivina Olívia estavam, gradativamente, passando por um processo de apagamento do sotaque paraibano, o que gerou uma reflexão entre o corpo docente sobre quais fatores estariam motivando essa descaracterização na fala.

O fato de levar essa reflexão aos alunos, sem julgamentos ou repressões, já se configura, por si só, como uma atitude científica. Observar fenômenos linguísticos, gerar hipóteses, investigar suas origens, avaliar e por fim chegar a um possível resultado compõem os passos de uma pesquisa acadêmica. Essa postura dos alunos enquanto pesquisadores de um fenômeno dificilmente é explorada no ensino básico e essa talvez tenha sido a principal contribuição para os estudantes.

Outra problemática que resultou na escolha do tema de intervenção foram os resultados da avaliação de entrada da propulsão¹ que apontaram deficiências na aprendizagem de algumas habilidades importantes relacionadas às questões de variação linguística e interpretação textual. Pensando em sanar essas fragilidades, desenvolvemos estratégias que abarcaram as habilidades da propulsão e da BNCC - que serão detalhadas posteriormente-.

Quanto às habilidades socioemocionais, também propostas pela BNCC, realizamos atividades que envolviam três esferas: a capacidade de o aluno lidar consigo mesmo e com as suas características linguísticas; a sua capacidade de se comunicar e se relacionar com os outros; e a habilidade de superar desafios, criando estratégias a partir de escolhas socialmente aceitáveis. Essa temática foi bastante explorada quando mencionamos as situações de xenofobia sofridas pelos nordestinos, de forma especial pelos paraibanos, quando precisam sair de seus locais de origem e interagir com falantes de outros dialetos.

A seguir, veremos mais detalhadamente as habilidades envolvidas na execução desse trabalho.

2. HABILIDADES DA BNCC

As habilidades trabalhadas durante o projeto de intervenção estão alinhadas à proposta da BNCC para a área de Linguagens, principalmente aquelas que dizem respeito à capacidade de refletir a língua como um fenômeno social, cultural, histórico, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso. A saber, algumas das principais habilidades da BNCC abarcadas aqui são:

COMPETÊNCIA 1

- (EM13LGG101) Compreender e analisar processos de produção e circulação de discursos, nas diferentes linguagens,

1 3 Propulsão é um programa do governo do estado da Paraíba que tem como meta corrigir defasagens dos alunos com base em avaliações diagnósticas que ocorrem no início e ao final do ano letivo. A avaliação é feita com base em habilidades específicas estabelecidas pela própria secretaria.

para fazer escolhas fundamentadas em função de interesses pessoais e coletivos;

- (EM13LGG102) Analisar visões de mundo, conflitos de interesse, preconceitos e ideologias presentes nos discursos veiculados nas diferentes mídias, ampliando suas possibilidades de explicação, interpretação e intervenção crítica da/na realidade;
- (EM13LGG104) Utilizar as diferentes linguagens, levando em conta seus funcionamentos, para a compreensão e produção de textos e discursos em diversos campos de atuação social.

COMPETÊNCIA 2

- (EM13LGG203) Analisar os diálogos e os processos de disputa por legitimidade nas práticas de linguagem e em suas produções (artísticas, corporais e verbais).
- (EM13LGG204) Negociar sentidos e produzir entendimento mútuo, nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais), com vistas ao interesse comum pautado em princípios e valores de equidade assentados na democracia e nos Direitos Humanos.

COMPETÊNCIA 3

- (EM13LGG302) Compreender e posicionar-se criticamente diante de diversas visões de mundo presentes nos discursos em diferentes linguagens, levando em conta seus contextos de produção e de circulação.
- (EM13LGG304) Mapear e criar, por meio de práticas de linguagem, possibilidades de atuação social, política, artística e cultural para enfrentar desafios contemporâneos, discutindo seus princípios e objetivos de maneira crítica, criativa, solidária e ética.

COMPETÊNCIA 4

- (EM13LGG401) Analisar textos de modo a caracterizar as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.
- (EM13LGG402) Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esse(s) interlocutor(es) e combatendo situações de preconceito linguístico.

COMPETÊNCIA 5

- (EM13LGG502) Analisar criticamente preconceitos, estereótipos e relações de poder subjacentes às práticas e discursos verbais e imagéticos na apreciação e produção das práticas da cultura corporal de movimento.

COMPETÊNCIA 7

- (EM13LGG702) Avaliar o impacto das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) na formação do sujeito e em suas práticas sociais, para fazer uso crítico dessa mídia em práticas de seleção, compreensão e produção de discursos em ambiente digital.
- (EM13LGG703) Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais em processos de produção coletiva, colaborativa e projetos autorais em ambientes digitais.

3. METODOLOGIA

O projeto foi desenvolvido seguindo três etapas: a primeira etapa diz respeito às impressões dos alunos a respeito do tema; a segunda, será dedicada à compreensão de alguns conceitos fundamentais para a discussão.

No primeiro momento, por meio de uma metodologia do diálogo participativo, foi elaborado um panorama sobre quais são as impressões dos alunos a respeito do nosso modo de falar; como ele

é representado na mídia; o que o modo de falar diz sobre os sujeitos; entre outras informações que nos deem uma noção de como essa questão é entendida pelos alunos. Para isso, utilizamos alguns artifícios metodológicos como nuvem de palavras, memes, vídeos com cenas de filmes e novelas que retratem o nordestino, sua fala e seu papel na sociedade.

Na segunda etapa, apresentamos alguns conceitos importantes da Sociolinguística Educacional, a fim de desmistificar a ideia de que o nosso modo de falar é errado ou feio. Nesse momento, teremos o auxílio do Professor do IFPB e doutorando em Sociolinguística variacionista Pedro Felipe de Lima, apresentando a sua pesquisa de doutorado e alguns estudos realizados na área. A metodologia prevista para essa etapa pauta-se principalmente na leitura bibliográfica, debates e entrevistas. Os principais conceitos a serem discutidos nessa fase serão Linguagem Formal e Informal, Preconceito Linguístico, Identidade Linguística, entre outros.

Como teóricos que embasam o desenvolvimento das questões tratadas nesse projeto, adotamos Marcos Bagno (2009) com a célebre obra *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. Neste clássico, o professor defende a língua como um construto vivo e por isso mesmo passível a modificações. Além disso o autor analisa algumas afirmações preconceituosas acerca do ensino da gramática normativa como a única possível, reforçando assim as manifestações do preconceito linguístico.

Outro autor que também é utilizado em nosso projeto é João Wanderley Geraldi (2010), com o seu livro *A aula como acontecimento* em que ele aborda a aprendizagem da língua materna e as contribuições que o processo de ensino tem a oferecer a esse aprendizado. De acordo com o autor, "é preciso levar em consideração a interação, a participação, a aprendizagem por meio de perguntas, interlocução entre professores e alunos, a percepção do sujeito ativo que há no aluno e partir do vivido para se chegar ao conhecimento construído (GERALDI, 2015)".

4. OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo inicial desse projeto foi proporcionar aos alunos uma reflexão acerca das transformações observadas no sotaque dos jovens paraibanos: questionar, levantar hipóteses e chegar a algumas considerações sobre esse fenômeno foi a principal meta estabelecida por desde a concepção do trabalho. A partir desse objetivo central, outros foram sendo derivados como despertar a compreensão de que o sotaque nordestino, em especial o paraibano, não constitui um erro ou motivo de vergonha. Diante disso, buscamos desenvolver nos alunos a compreensão quanto à origem, à história e à importância dessa variação para a constituição de uma identidade linguística.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender a origem dos sotaques brasileiros;
- Estabelecer as diferenças entre idioma, sotaque, linguagem formal e informal;
- Compreender o conceito de xenofobia e perceber como ele afeta a vida dos nordestinos;
- Promover a valorização do sotaque nordestino/paraibano como forma de resistência a violências simbólicas;
- Reconhecer a presença, em um texto, de marcas de variação linguística, de uso da norma-padrão e de preconceito linguístico.
- Contribuir para a formação de jovens autônomos, solidários e competentes.

5. DESENVOLVIMENTO DAS AÇÕES

1º MOMENTO

O projeto foi iniciado durante o 2º bimestre e finalizado no 4º bimestre. A primeira atividade do projeto foi um momento de escuta. A intenção era perceber se os alunos já haviam se dado

conta dessa modificação na forma de falar entre seus pares. Boa parte dos alunos concordou que percebem uma modificação na forma como alguns colegas falam, considerada por eles como uma maneira “forçada” de falar, que não representa o modo como os outros paraibanos falam naturalmente. Outros alunos relataram que não perceberam ou nunca prestaram atenção nessa variação na forma de comunicação.

Após esse momento introdutório, foi solicitado aos alunos que perceberam essa mudança no sotaque dos colegas que tentassem levantar hipóteses sobre o que estaria motivando esse comportamento: i) contato com falantes de outras regiões; ii) interação via internet com outras comunidades linguísticas; iii) vergonha do sotaque; iv) pressão decorrente da xenofobia e do preconceito linguístico sofrido por nordestinos em situações de interação com falantes de outros grupos linguísticos.

A maioria dos alunos, nesse primeiro momento, compreendeu que o contato com outros falantes, tanto pessoalmente quanto através da internet afeta a forma de falar dos adolescentes. Uma minoria afirmou que o sotaque paraibano é bastante criticado e que por isso talvez as pessoas alterem ou disfarcem a sua forma natural de falar como uma medida de escapar de deboches. Nesse momento, os alunos compreenderam qual era o objetivo do projeto.

2º MOMENTO

Para esta ocasião, foi apresentado um vídeo do YouTube² em que uma mulher piauiense, moradora do Rio de Janeiro há 9 anos, volta a sua terra natal e concede uma entrevista ao canal de TV local. Na ocasião, a mulher forja um sotaque incompreensível que não diz respeito às características linguísticas de nenhum dos dois locais em que ela residiu durante a vida. O vídeo circulou as redes de forma viral, gerando muitas piadas e deboches contra essa mulher. Não foi diferente com os alunos. Após assistirem, todos riram e comentaram o quão era ridículo o comportamento da mulher.

2 <https://www.youtube.com/watch?v=-CSsNi71Lol>

Após a euforia inicial, iniciamos a conversa sobre **identidade**. Quem era aquela mulher? A qual grupo social ela pertencia? Qual a raça dela? Qual seria a ocupação dela no Rio de Janeiro? Seria um emprego de prestígio social ou não? Como as pessoas definem o sotaque carioca aqui no Nordeste? E como compreendem o sotaque nordestino lá? Qual mensagem aquela mulher estava querendo transmitir?



Depois de tentarmos responder a algumas dessas perguntas, os alunos compreenderam que muitas vezes as pessoas só querem ser ouvidas e validadas. Talvez, pautada no entendimento de que o sotaque carioca tem um maior prestígio social, a personagem do vídeo encontrou uma oportunidade de se sentir importante diante dos demais, principalmente ao ser entrevistada em um canal de TV; essa foi uma maneira que ela encontrou de se sobressair de uma série de ataques e preconceitos que provavelmente vinha sofrendo no Rio de Janeiro por ser nordestina.

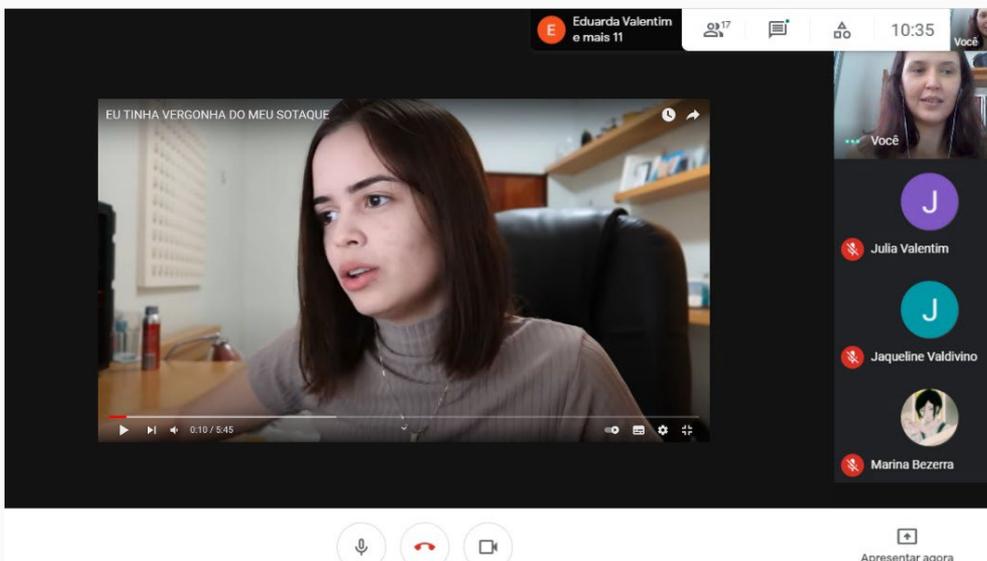
Ao lermos juntos o artigo “A busca da identidade na adolescência³”, que trata de alguns fatores importantes para o desenvolvimento de uma identidade na adolescência e que se desdobrará de forma autêntica por toda a trajetória do indivíduo,

3 <https://novaescola.org.br/conteudo/401/a-busca-da-identidade-na-adolescencia>

compreendemos que a mulher do vídeo sofre de uma perda de identidade tardia. Ela não se reconhece mais como piauiense, nem como carioca. Esse fato gera um enorme desconforto, pois em nenhum momento ela pode ser de fato quem ela é e agir naturalmente como qualquer outra pessoa. Há uma pressão externa para se adaptar a moldes que não fazem parte do que foi vivenciado na construção da identidade durante a adolescência. Situações como essa podem ser gatilhos para desenvolver doenças como ansiedade, depressão e síndromes diversas.

3º MOMENTO

Seguindo o tema da identidade, tão relevante para o bem-estar psicológicos dos alunos, apresentamos mais um vídeo do YouTube⁴ de uma blogueira chamada Valeska Ribeiro, jovem nordestina com mais de 250 mil inscritos no canal. Nesse vídeo, ela descreve a experiência ruim ao ter que disfarçar o sotaque para ser aceita no mundo dos influenciadores digitais.



Por ser jovem e ter uma linguagem bastante próxima da linguagem dos alunos, a nordestina Valeska conseguiu descrever a

4 <https://www.youtube.com/watch?v=uC4W0UobZzs>

inquietação de muitos alunos: suavizar as marcas linguísticas do Nordeste para ser aceita em outros grupos sociais – mesmo que isso signifique um julgamento por parte de outros nordestinos – ou manter a autenticidade de ser quem se é, pois não há nada de errado em falar do jeito que falamos? Esse é o dilema apresentado por Valeska no vídeo e foi nessa perspectiva que a aula teve sequência, levando em consideração o ponto de vista dos alunos

4º MOMENTO

Para este momento da aula trabalhamos o Podcast chamado “*Já pensasse?*”, apresentado por Caio Braz, e que tinha como convidados o cantor Russo Passapusso (bahiano), a atriz/apresentadora/influencer Ademara Barros (pernambucana) e dramaturgo Henrique Fontes (Amazonense/Potiguar). Nesse episódio, eles discutem “O Que é o Nordeste?”, o que significa ser nordestino hoje e a ressignificação do espaço do povo nordestino no ambiente da mídia *mainstream*.

Os alunos foram convidados a ouvir o podcast um dia antes da aula para que focássemos apenas no conteúdo das discussões mais relevantes. Os alunos destacaram que o que mais chamou a atenção deles foi a generalização que os sudestinos fazem ao se referirem aos moradores do Nordeste como se fôssemos iguais na cultura, no falar, nas tradições. Ou seja, há um total desconhecimento e apagamento das nossas raízes enquanto indivíduos advindos de diferentes lugares da nossa região. Afinal, paraibanos e pernambucanos, apesar de estarem a poucos quilômetros de distância, possuem culturas diversas, logo, não há como generalizar essas duas comunidades.

5º MOMENTO

Para essa nova fase do projeto, após as discussões introdutórias sobre o tema, buscamos compreender como essas variações na linguagem podem ajudar a caracterizar uma personagem e a interpretar um texto. Para isso trabalhamos o conto “*Ah! Esses jovens brancos de terno e gravata*”, do escritor Cuti. Nele, há a presença marcante de uma linguagem característica de subúrbios

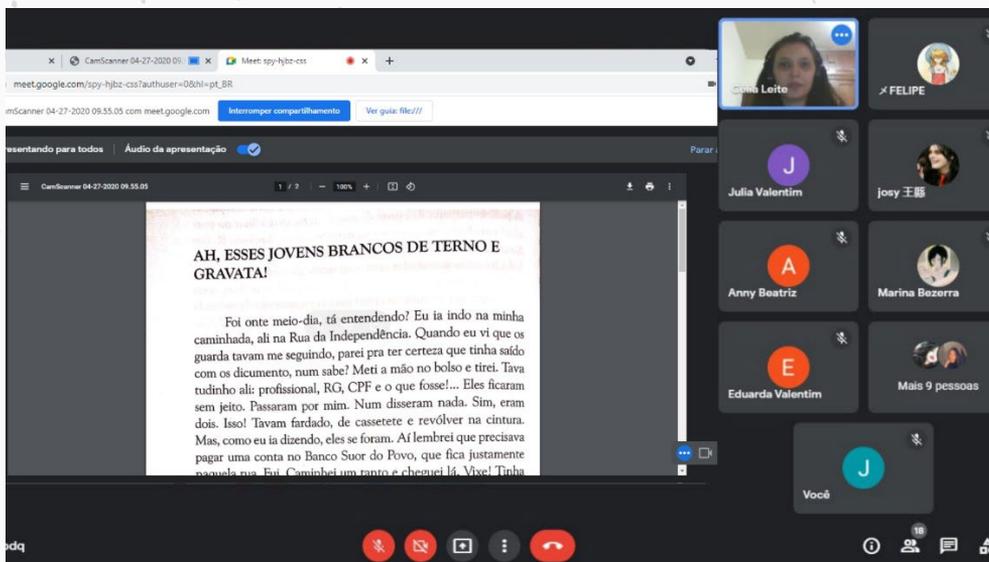
paulistanos, narrada em primeira pessoa por um personagem negro, pobre e sem estudos, que sofre discriminação de cor em todos os locais por onde passa, até chegar a um banco e ser mais uma vez destrutado pelo “jovem branco de terno e gravata”.

Depois de lermos o conto, foi solicitado aos alunos que eles recontassem a história com suas próprias palavras, mencionando os elementos de uma narrativa: apresentação, conflito, clímax e desfecho, além do narrador, personagens, enredo, local e tempo. Em seguida, pedi que os alunos descrevessem o personagem principal e justificassem suas opiniões. A partir disso, fizemos uma análise sobre como eles chegaram a essa descrição, até que ponto ela estava clara no texto ou foi deduzida através da linguagem do narrador. Chamei a atenção para o fato de que a linguagem que utilizamos em determinados contextos pode caracterizar quem somos, qual o nosso grau de instrução, a que classe social pertencemos, quais as nossas ideologias, porém, isso não deve ser utilizado para excluir, oprimir ou humilhar quem quer que seja, como ocorre no conto.

Para explorarmos o descritor D25 (*Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de palavras, frases ou expressões*), os alunos realizaram uma atividade de reescrita do texto, fazendo substituições de palavras e expressões que dessem pistas sobre a caracterização das personagens principais por outras e então fizemos a releitura de parágrafos, verificando qual efeito de sentido poderíamos extrair.

Na ocasião, ainda estudamos os conceitos de idiomas, dialetos, sotaques e gírias, bem como a diferença entre linguagem formal e informal, norma padrão e coloquialismos. Esses conceitos podem parecer muito semelhantes e causar confusão, mas o nosso objetivo foi simplesmente demarcar que um discurso formal, dentro da norma culta padrão, pode manter as suas características sonoras de cada região. O sotaque não deve determinar se um texto falado é de maior ou menor prestígio. Para isso verifica-se que um discurso de um juiz, político, professor, pesquisador, ou qualquer outra profissão com um grau de instrução elevado, mantém-se o sotaque de sua região, modulando-se apenas o registro (formal ou informal) a depender da situação de interação em que se encontra.

Por último, analisamos a progressão textual a partir de elementos coesivos essenciais no texto. Novamente, fizemos um trabalho de substituição de palavras e expressões para testarmos o sentido de conjunções que dessem a ideia de progressão da narrativa, sem modificar o sentido do texto original.



6º MOMENTO

Nesta etapa, o foco foi conhecer um pouco mais sobre a área da variação linguística educacional e transformar os fenômenos linguísticos em objetos de estudo e de investigação científica. Para explicar um pouco mais sobre a área da Linguística que se ocupa de investigar as variações de som em diferentes comunidades, convidamos o professor do IFPB e doutorando em Variação Linguística Pedro Felipe de Souza.

Na ocasião, o professor explanou o que essa área estuda, qual é a importância dela e fez uma apresentação sobre as etapas de uma pesquisa quantitativa.



Projeto Paraíbe-se Conversa sobre Variação Linguística, Identidade e Pesquisa com o Professor Pedro Felipe

7º MOMENTO

Em uma atividade interdisciplinar, propomos um debate em parceria com o professor de Filosofia, Diego Guimarães, sobre o conceito de violências simbólicas que é o processo pelo qual se perpetuam e se impõem alguns valores culturais. Na ocasião, os alunos elencaram diversas atitudes presentes no nosso cotidiano que se configuram como imposições de grupos que se entendem superiores, mas que ocasionam enorme perda cultural e histórica.

AVALIAÇÃO

Durante o desenvolvimento deste projeto, verificamos, para fins de avaliação, a compreensão de conceitos linguísticos, a capacidade de analisar o contexto em que o aluno está inserido e principalmente a capacidade de formular hipóteses e deduzir explicações lógicas

para alguns fenômenos. A avaliação foi realizada de maneira qualitativa, mediante a observação da interação e relatos de experiência durante todo o processo.

Esse crescimento do entendimento sobre questões relacionadas ao nosso sotaque, à valorização da nossa identidade e às variações que ocorrem naturalmente em todas as línguas foi a medida para avaliarmos os resultados do projeto. O desenvolvimento da ação foi responsável por um crescimento do engajamento dos alunos por meio das discussões levantadas, aumentando o tempo de fala e a participação dos estudantes durante as aulas.

Acreditamos que houve uma contribuição bastante positiva para a autoestima dos alunos, permitindo-os a livre expressão, conscientes de que nosso sotaque não constitui um erro ou algo feio e que não deve ser suavizado para agradar a outros grupos de falantes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reservar um espaço nas aulas de Língua Portuguesa para trabalhar temas relacionados às variações linguísticas nas escolas tem sido de grande importância para a educação brasileira. Todo o histórico educacional do nosso país assinala a norma culta padrão como sendo a única variante possível dentro do contexto escolar. No entanto, percebe-se nos baixos índices alcançados pelos alunos nas avaliações de larga escala em língua portuguesa que esse caminho não tem dado bons resultados. Nos livros didáticos até hoje o tema não é tratado de forma satisfatória e isso requer reparação urgente. Esse tipo de conteúdo gera uma identificação e uma aproximação do estudante com a disciplina de Língua Portuguesa, pois ele reconhece a sua linguagem cotidiana como objeto de estudo.

Outra importante contribuição do ensino de língua materna baseado na variação linguística é a diminuição dos casos de preconceito com variantes diferentes da norma padrão, como as variantes regionais trabalhadas neste projeto. Gerar no aluno a consciência de que a sua maneira de se expressar não constitui um erro é, sem dúvidas, o melhor resultado de todo o esforço e dedicação emprenhados nessa jornada.

7. REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 88-126.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 2009, p. 51-62.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Tem sociolinguística efetiva contribuição a dar à educação? In: *Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística & educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 127-146.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.

CARVALHO, R. S.; FERRAREZI Jr., C. *Oralidade na educação básica: o que saber, como ensinar*. São Paulo: Parábola, 2018.

GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ESTADO DA PARAÍBA. *Habilidades em Propulsão*. 2021.